

No livro no qual estou colaborando, haverão para todos os artistas uma mesma entrevista.

Seguem as perguntas as quais eu lhe pediria de tomar seu tempo para pensar e me enviar por escrito, por e-mail, as suas respostas.

MP: As tendências estéticas do tropicalismo e a ruptura neo-concreta tiveram alguma influencia no desenvolvimento de sua obra?

R.:

Fui criada na Alemanha e no Brasil, estudei na Europa e vim morar em Nova York, onde já estou desde 1996, então tenho um caldeirão de influências bastante diverso, que mistura romantismo alemão, surrealismo, performance art e uma fascinação pela natureza.

No início dos anos 90, em Hamburgo, tinha pouco acesso à arte brasileira, minhas principais referências vinham da Europa, do expressionismo alemão, surrealismo, e do Fluxus (grupo de arte conceitual). Nessa época conheci os trabalhos de Marina Abramovich, Yoko Ono, Hannah Wilke, Valie Export e, mais tarde, em Nova York, Bas Jan Ader e Maya Daren, que despertaram meu interesse em performance, fotografia e vídeo. Apenas com 21 anos, em um período que passei em Salvador, é que fui ter contato com Tarsila do Amaral, Helio Oiticica e Lygia Clark.

Minha geração conheceu “performance art” por meio de imagens, de documentação das ações, não vimos ao vivo, então me acostumei a ter uma relação mais privada com a minha arte, ao invés de buscar a interação com o público.

MP: Algum outro movimento, ou movimentos, posterior lhe parece importante na história da arte contemporânea brasileira?

O Brasil e a arte brasileira vivem um momento efervescente, há uma geração de artistas com trabalhos fortes e bastante projeção internacional.

Em termos de influências, Burle Marx talvez seja o artista cujo trabalho mais me atraiu nos últimos anos. A intervenção urbana na natureza é algo que me fascina na paisagem brasileira, principalmente no Rio de Janeiro, aonde existe um dialogo continuo entre meio ambiente e cidade.

MP: Quais são suas fontes de inspiração e referencias?

R.: Minha maior fonte de inspiração é a natureza. Sinto-me atraída por representações dos padrões encontrados no meio ambiente, tanto por meio de performances como na pintura e desenho. Que espaço ocupa o ser humano? Qual é a nossa natureza? As formas orgânicas sempre estiveram presentes

no meu trabalho. O mar, água, sereias, quimeras e seres híbridos, meio humanos, meio não-humanos. Esse interesse cresceu a partir do meu próprio corpo, de uma busca pessoal, mas também de um questionamento sobre as formas de representação do feminino.

Inspiração para mim é um fluxo constante, como criança que quer brincar. Busco trabalhar com coisas simples, do dia a dia, que estão à minha volta. Olho em volta e questiono o porquê das coisas, quero modificar o seu uso, brincar com o ambiente.

Assim como meus vídeos e fotos, minhas pinturas e desenhos também partem de situações cotidianas: acidentes, manchas ou respingos de tinta, “problemas” que precisam ser resolvidos. Os padrões emergem a partir de escolhas estéticas nem sempre conscientes, de uma harmonização instintiva dos elementos caoticamente distribuídos pela tela.

Esses “acidentes”, contudo, não devem ser vistos como referências à História da Arte, e sim como vestígios das narrativas contidas no fazer de cada obra. Não busco preencher significados ancorados em uma crítica especializada: minhas pinturas devem ser experimentadas, primeiro, por meio dos sentidos. Mas é claro que há referências conscientes tanto do mundo da arte (Charles E. Burchfield, August Klimt, Roberto Matta) como da comunidade científica, especialmente de livros de biologia marinha e botânica do século dezenove (Maria Sibylla, Jean Painleve, Heinrich Haeckel). Eu gosto que meus trabalhos possuam essa ambiguidade, que sejam viscerais, mas sem perder uma dimensão socio-política.

MP: Quem foi ou é o seu mentor?

R.: Não tenho. Gosto de pensar em figuras que admiro mas não sou uma seguidora rígida...

MP: Qual é o seu livro de cabeceira?

R.: The Book of Imaginary Beings, do Jorge Luiz Borges.

MP: Quais são as pesquisas e direções para onde você estará dirigindo o seu trabalho?

R.: O show na Fortes Vilaça reflete minha recente fascinação por geometria espacial. O título da exposição, “Flatland” é emprestado de um romance do escritor inglês Edwin Abbott sobre como os corpos se relacionam no espaço, como padrões matemáticos podem ser observados em todas as escalas do mundo físico. Meus cut-outs, por exemplo, são influenciados pelos crochês da Daina Taimina, uma matemática da Letônia que foi a primeira pessoa a fazer um modelo bem sucedido de espaços hiperbólicos.

Embora seja influenciada pelas ciências exatas, o universo do meu trabalho é muito menos controlado do que o da matemática ou a geometria. A maior tela da exposição era um gigantesco panorama azul de

título homônimo: “Flatland”. Ao desenhar formas geométricas sobre uma superfície ainda instável, com tinta que escorre (ou seja, que tende à desobedecer as regras, ignorar limites), novas fronteiras são abertas entre o acaso e o premeditado.

Nunca usei borracha por acreditar que somente tentando resolver erros eu encontraria outros caminhos. Cada vez que uma pintura começa a se harmonizar, eu erro. Assim, a conversa nunca acaba: quando vou chegando muito pertinho, saio correndo, para não chegar nunca.

MP: O Brasil tem a sua própria noção do tempo. Ao seu ver, como a arte contemporânea brasileira tem reagido e resistido ao ritmo do “star system” dado pelo mercado internacional?

R.: O Brasil está tendo uma projeção internacional muito grande e nessa abertura há oportunidades para a exposição de mais artistas. Essa troca é muito positiva, não existe primeiro ou terceiro mundo, é tudo o mesmo mundo.